

Entrevista com Francisco de Oliveira*

entrevista:

Cibele Saliba Rizek**

transcrição:

Joana Barros**

* Entrevista realizada em 2002. Francisco Maria Cavalcanti de Oliveira – ou Chico de Oliveira, como era mais conhecido – nasceu na cidade de Recife no dia 7 de novembro de 1933. Graduou-se em Ciências Sociais na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco, em 1956. Na faculdade, foi um dos fundadores do Movimento Estudantil Socialista de Pernambuco, ligado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Após se formar, aproximou-se da economia, trabalhando como técnico no Banco do Nordeste do Brasil, sediado em Fortaleza. No final da década de 1950, retornou ao Recife a convite de Celso Furtado para ajudar na criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Logo após o golpe civil-militar de 1964, ficou preso por dois meses, exilando-se em seguida na Guatemala e, na sequência, no México, onde permaneceu por dois anos trabalhando na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). De volta ao Brasil no final dos anos 1960, aceitou o convite de Octavio Ianni a fim de ingressar no recém-criado Centro Brasileiro de Análise de Planejamento (Cebrap). Nessa instituição de pesquisa, escreveu seus primeiros trabalhos de maior impacto tanto na sociologia quanto na ... continua na próxima página...

C. S. Rizek – Então, Chico, queria começar te explicando um pouco a pesquisa que estou fazendo... É uma pesquisa que já está no fim da primeira etapa. E o que eu fiz foi um levantamento das concepções de modernização e modernidade (em relação à) cidade, na sociologia brasileira clássica. Então, comecei com Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Antônio Cândido e, depois, Florestan, todo o projeto da cátedra de Sociologia I, que vai se desdobrar na produção de Fernando Henrique Cardoso e na sociologia da modernização. Depois, peguei um pouco “A crítica da razão dualista” e fiz um panorama dos anos 70 aos anos 90, e a hipótese central é que nos anos 90, a cidade é tematizada não mais como progresso, modernidade, mas como barbárie. ... (Assim) é pela chave da violência, pela chave da espolição, pela chave da miséria e da penúria que a cidade é vista nos anos 90. Mas, daí, você tem de novo a introdução de um conjunto de dualismos, de novos dualismos, por exemplo, cidade legal/cidade clandestina, os incluídos/os excluídos; enfim, eu acho que, de novo, a gente está patinando. (...) na verdade, o que eu queria de você é que você falasse um pouco de como é que você fez “A crítica da razão dualista”. Como é a questão da cidade, da urbanidade na tua produção, especialmente essa produção que aparece n’ “O estado e o urbano”, na “Elegia para uma religião”, na “Economia da dependência imperfeita” Neste momento, e de lá para cá, como você trabalha, como (que) você percebeu e teorizou, como você trabalha esta questão, naquele período e de lá para cá? Isso passa pelo CEBRAP, eu sei. (risos) Se você quiser falar do CEBRAP, ... que é um momento super importante ...

F. de Oliveira – Naquele momento, foi.

C. S. Rizek – ...era um grande centro de produção, não tinha apelação. Eu queria, se fosse possível, que você começasse dessa crítica.

F. de Oliveira – Olha, esta crítica foi assim, quer dizer... O CEBRAP fez... Em todos aqueles anos, desde aquele padre... que estava no Chile, acho que ele não é chileno, mas estava no Chile. Acho que foi aí que começou a falar-se “marginalidade”. (pausa

economia: “Economia brasileira: crítica à razão dualista” (1972) e “Elegia para uma re(li)gião” (1977). No Cebrap, permaneceu até 1995, lecionando simultaneamente economia na PUC-SP e, a partir de 1988, sociologia na USP, onde se tornaria professor titular em 1992 e emérito em 2008. Em 1995, após 25 anos de colaboração, deixou o Cebrap e, no mesmo ano, ajudou a criar, com Maria Célia Paoli, Vera da Silva Telles, Cibele Saliba Rizek, Carlos Alberto Bello e Leonardo Mello, o Núcleo de Estudos dos Direitos da Cidadania (Nedic). A participação no Nedic, atual Cenedic (Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania) inaugurou a última fase de sua produção intelectual. Morreu em 10 de julho de 2019. Baseado em Bio Nota redigida por Ruy Braga in <<https://sbsociologia.com.br/project/francisco-de-oliveira/>>.

** Cibele Saliba Rizek é Cientista Social, Professora Senior do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Pesquisadora Colaboradora do CENEDIC (Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania) - FFLCH-USP, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-7871-5730>> Joana Barros é Arquiteta e Urbanista, Professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-1039-6961>>.

- baixo) Esqueço o nome dele. Não lembrei o nome dele. Isso pegou porque o Chile era muito importante, tinha uma densidade de organismos internacionais, no meio dos quais e o mais importante era a CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe), e isso transbordou para a academia e para a universidade latino-americana. De forma geral, isto transvasou, foi bater nos âmbitos acadêmicos. Depois dos anos 60, esses organismos de âmbito internacional perderam importância devido às modificações, aos golpes e contrarrevoluções, praticamente, em toda a América Latina.

C. S. Rizek – Começam os anos de chumbo.

F. de Oliveira – Começam os anos de chumbo e esses organismos perderam importância. Mas, a inspiração deles já havia chegado à universidade latino-americana. E quem recolhe isto, na verdade, vai ser, digamos, o que podemos chamar de uma esquerda intelectual latino-americana. Porque se você toma os nomes todos, eram todos jovens - é preciso não fazer esta fantasia, agora, de que eles já eram importantes, eles não tinham nenhuma importância política...

(...) Só o Celso Furtado tinha. Celso Furtado tinha sido uma pessoa importante no jogo de poder e na política brasileira. Embora ele dissesse que nunca iria fazer política, na verdade, era o que ele fazia, era política o tempo todo. (risos) Celso tinha sido importante, mas a herança do Celso, de alguma maneira, não é liquidada, está hoje aí. Mas ela é cortada, é abortada ali nos organismos econômicos e de pesquisa. Isso vai bater na universidade latino-americana e vai encontrar este grupo - que não era um grupo de verdade, se bem que eles tinham muito intercâmbio. É um momento também que se funda o CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), que todos eles começam a participar de reuniões conjuntas, o CLACSO faz uma assembleia anual. Mas aí, vão se encontrar os Aníbal Quijano da vida, os Fernando Henrique Cardoso, os Guilherme O’Donnell, Paulo Gonçalves, Octavio Ianni, toda essa tropa que a gente conhece bem e que hoje são honráveis senhores, que um é presidente da república. (risos) Todos eram muito jovens e não tinham a importância que têm hoje e a importância que, em retrospecto, as pessoas lhes atribuem. Eram absolutamente sem importância. Aqui, no Brasil, o CEBRAP, que é o núcleo que todo mundo conhece, que vai surgir, na verdade, vai afirmar-se nos anos 70. O CEBRAP, você chegava no resto do Brasil falava em CEBRAP, eles pensavam que eram um armazém de secos-e-molhados, não tinham a menor ideia do que era aquilo e nem de quem eram os, hoje, personagens do CEBRAP. Fernando Henrique, por exemplo, para falar de um caso que é expressivo, Fernando Henrique... Me lembro quando Ulisses Guimarães nos chamou para pedir o Programa da anticandidatura em 73, porque 74 é quando Geisel já toma posse e a candidatura do Ulisses havia sido contra a do Geisel. Em 73, Ulisses nos convida, um grupo que estava Fernando Henrique, não estava como cabeça nem porque Ulisses tivesse qualquer consideração especial por ele. Alguém cantou no ouvido de Ulisses “vai lá, que aquilo é um centro de comunistas frustrados” – que era o que a polícia pensava também, tanto que a famosa bomba, era...

C. S. Rizek – Na rua Bahia, né?

F. de Oliveira – Na rua Bahia, era para tocar fogo no CEBRAP... Ulisses Guimarães não nos chamou porque Fernando Henrique tivesse alguma importância. Alguém cantou no ouvido dele que aquele pessoal sabia fazer coisas, que sabia dar substância a um

discurso - que era isto que ele necessitava, não necessitava de nenhuma teoria, nem nada disso. Fernando Henrique foi, em igualdade de condições, comigo, com Weffort, com Luís Werneck Viana, que estava aqui naquele tempo, estava no CEBRAP, com Maria Hermínia Tavares de Almeida. Me lembro de cinco: ele, eu, Werneck Viana, Weffort e Maria Hermínia. Éramos cinco porque o CEBRAP não quis assumir como centro, então, nós nos dispusemos, na verdade, como uma coisa política, na verdade ninguém pensou que aquilo ia... Se bem que cada um de nós tinha suas projeções mais oníricas, mas, de fato, era uma coisa política, né? Ele chamou em igualdade de condições. Eu me lembro muito bem da frase com que Ulisses nos recebeu, na casa dele, que eu não localizo bem direito, mas que era ali pelo Jardim Paulistano, acho que era... Ele nos recebeu com aquele jeito dele, que era um jeito sem jeito, Ulisses não tinha nenhum carisma, não tinha afetividade, não tinha emoção, ele era uma pedra... uma múmia. Ele nos recebeu, sentado numa sala que não tinha nada de extraordinário, uma sala burguesa bem posta, e a frase inicial da conversa dele foi uma frase que hoje faria o Fernando Henrique estourar de raiva. (risos) Porque a frase do Ulisses, que já era completamente anacrônica, foi: "Os amigos" - ele tinha mania de chamar todo mundo de amigo e ele tinha nos visto naquela hora - como os amigos sabem, ele dizia, o mundo marcha para o socialismo. (risos) Essa frase, até me lembro, era uma legenda do Partido Socialista Brasileiro no qual ele não havia militado, portanto, aquilo era um eco, na verdade.

Estou dizendo isto, para quê? Para mostrar que Ulisses queria nos engabelar e obter nossa colaboração, em troca do que eles achavam, todos achavam, e em parte era verdade, que era nossa opção ideológica e, portanto, a pesquisa que a gente pudesse fazer tinha que ser carregada porque o mundo marcha para o socialismo. E aí, com esta frase, todos nós nos derretimos imediatamente sem sacar que o velho estava nos enganando a todos nós. Os mais medrosos, como Werneck Viana, medroso, devo corrigir, cauteloso - Werneck é uma figura muito querida - sempre olhava de soslaio, assim, meio desconfiado, porque ele tinha vindo do Rio, onde ele tinha pegado cana feia. Então, este era o CEBRAP, que depois virou ícone, não era nada. As pessoas não sabiam nem do que se tratava. Mas essa herança da CEPAL, principalmente...

C. S. Rizek – Se irradiou.

F. de Oliveira – ...desse padre, principalmente... Acho que era Veci, Veck¹ (Veckemans), é um padre famoso no Chile, que está nas origens deste movimento cristão de esquerda que terminou em AP (Ação Popular), no Brasil, e tudo, né, essa herança foi acolhida assim. Portanto, este era o tema na América Latina no fim dos anos 60, começo dos anos 70. A gente tinha toda uma elaboração e tal. O CEBRAP foi fundado contra isto. O CEBRAP foi fundado e a primeira pesquisa que ele fez, na verdade, foi uma pesquisa sobre fecundidade. Era uma pesquisa que o Cândido Procópio, o Paul Singer e a Elza Berquó haviam fechado incompleta no CEDIP (Centro de Estudos de Dinâmica Populacional), que era o Centro que eles tinham na Saúde Pública, na escola de Saúde Pública, e que havia sido interrompida com a aposentadoria deles. Eles constroem o CEBRAP para continuar este tipo de pesquisa. E a primeira coisa que a Fundação Ford deu ao CEBRAP foi isto. Então, a Elza Berquó fez uma larga pesquisa em São Paulo, através da qual, de forma muito feliz, eles detectaram a primeira inflexão da curva de fecundidade, dos índices de fecundidade no Brasil. Ali começou o processo, que a democracia chamava de modernização. Nessa tendência, a queda de fecundidade,

¹ Ver Enrique Dussel "desde que Eduardo Frei assumiu o governo (1964-1970) começou o declínio da liderança latino-americana da Igreja chilena. A Democracia Cristã reprime um movimento camponês realizado em Puerto Montt em 1967. Alguns cristãos começam a mostrar descontentamento. O episcopado publica o último grande documento dentro da linha criativa, não condenatória: "Chile: vontade de ser" (1968). Pouco depois a "Igreja jovem" toma a catedral de Santiago pedindo reformas, no dia 11 de agosto. O grupo de direita Fiducia ("Tradição, Família e Propriedade") torna-se mais ativo. Começa a crise fundamental - para entender todo o desenvolvimento posterior da Igreja latino-americana - no Instituto Latino-americano ILADES. Pierre Bigo e Roger Vekemans da linha "desenvolvimentista", como dizem os outros, acusam Gonzalo Arroyo e Franz Hinkelammert de "marxistas" (os três primeiros são jesuítas e somente Arroyo é chileno). Em 1969 a situação se torna insustentável e o ILADES se divide em dois. Vekemans irá mais tarde para a Venezuela (1970) e chegará a Bogotá onde incentivará o presbítero Alfonso López Trujillo em sua meteórica carreira (bispo auxiliar de Bogotá, arcebispo e cardeal de Medellín). Gonzalo Arroyo fundará mais tarde "Cristãos para o Socialismo" in História da Igreja Latino Americana (1930-1985) São Paulo: Paulus, 1989 . Disponível em <https://www.enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/40.Historia_da_igreja_latinoamericana.pdf> . Acesso em fevereiro de 2025.

uma tendência que ocorre simultaneamente, quase sempre, com a queda também das taxas de mortalidade - e isso, ao contrário do que os neomalthusianos assustavam o mundo, isso terminaria numa taxa de crescimento da população baixa, tal como hoje ela é 1.3. Naquela época, nós estávamos ainda numa taxa de 2.6, que era uma barbaridade, Roberto Campos esbravejava. Mas em todo o mundo, essa coisa sempre ocorreu assim. E é a cidade que faz, na verdade, estas duas coisas. O tema da cidade apareceu aí. Mas apareceu de forma, para os próprios pesquisadores do CEBRAP, ainda era um enigma, porque a Elza Berquó, particularmente, era muito influenciada pelos médicos porque ela trabalhava num departamento, numa escola de médicos, sanitaristas. Mas o sanitarismo de São Paulo é muito ruim, na verdade é um sanitarismo que não tem nada a ver com a demografia, é um sanitarismo de engenheiro, basicamente.

C. S. Rizek – Engenheiro sanitarista.

F. de Oliveira – Engenheiro sanitarista. Então, eles não chegaram, não foi por aí. Podiam ter chegado por aí, porque o tema da cidade aparece na demografia através destas duas variáveis: da queda da mortalidade e da queda da fecundidade. Enquanto que os malthusianos pensavam, sempre, que a fecundidade ia, na verdade, ampliar-se, crescer. Na verdade, ela cresce com a industrialização, mas nas primeiras fases. Depois, ela decresce. Decresce por uma coisa que é... Eu acho que esta leitura demográfica deste jeito a gente pode fazer tanto em Malthus quanto em Marx. Em Malthus, se você inverter, se colocar ele de cabeça para baixo dá isso. Mas na verdade, o pastor queria que ficasse de cabeça para cima. E Marx, pela crítica, exatamente, a colocar a população - a crítica que ele faz no Posfácio da Economia Política - que ele diz, se a gente faz uma coisa abstrata, a gente começa pela população, mas a população, na verdade, deve ser a última coisa, porque os modos como ela se reproduz são consequências do modo de produção. Então, o CEBRAP poderia ter apanhado esta pista, mas não apanhou, devido à influência médica, no grupo que fazia a pesquisa - que achava que era a medicina, os remédios e tal, ao invés de ir em direção das condições sociais e, basicamente, a industrialização. Então, a cidade dá estas duas tendências. Porque (que) dá estas duas tendências? Em primeiro lugar, que eu aprendi com meu professor Mário Magalhães da Silveira, que era dos médicos sanitaristas, mas da escola do Rio... ele era do grupo de sanitaristas do Rio. Tinha outra cabeça e ele, particularmente, porque interessou-se logo por demografia e descobriu que ali, mas fez uma leitura marxista da demografia...

C. S. Rizek – E aí você tem consequências e dimensões completamente diferentes.

F. de Oliveira – Completamente diferentes. Quer dizer, a mortalidade cai, nesta interpretação, pela mudança do uso na força de trabalho, no consumo da força de trabalho - que é um tema que está em Marx, completo ali. Ali tem uma demografia que é insuspeita e que os demógrafos nunca leram. Então, esta tendência aparece porque com a mudança do que Marx chamava o modo de produção, você tem um menor consumo da força de trabalho humana. Este menor consumo que é consumo mesmo... Quer dizer, se explica pela diferença entre um trabalhador que sai às 3 horas da manhã, no campo, usa pura força física e termina sua jornada de trabalho às 5 da tarde, quando o sol se põe porque não pode trabalhar depois que sol se põe, e é o puro, é consumo de força física. Quando você põe a máquina intermediando

a relação da força de trabalho com a natureza, o consumo da força de trabalho se altera radicalmente. E isto, na demografia marxista, é que explica a queda da taxa de mortalidade e o melhoramento dos níveis de saúde e dos níveis sanitários em geral. A queda da fecundidade se explica pelo mesmo movimento da industrialização. (E) Aí não ligado ao consumo da força de trabalho, embora, em certas fases, este consumo seja forte influenciador da taxa de fecundidade – basta olhar como as grandes famílias são, na verdade, grupos de trabalho. Quer dizer, o camponês, estão achando que ele é irracional...

C. S. Rizek – Não, é claro! Têm um monte de filhos porque se não tiver não sobrevive.

F. de Oliveira – Se não, não sobrevive. É do pedacinho de cada um que deles arrancam a subsistência. Mas na segunda fase, quando você industrializa e esta industrialização, nas condições da primeira e da segunda revoluções industriais, são sempre urbanização, coincide sempre com urbanização, você mercantiliza totalmente a vida. Ao mercantilizar totalmente a vida, você introduz um elemento de cálculo na reprodução da família. Este elemento de cálculo existe antes quando a taxa de fecundidade é muito alta, mas existe, precisamente, para fornecer força de trabalho para a própria família e, por consequência, para o sistema. E existe de outra forma quando você mercantiliza. Aí você introduz um outro cálculo. Esse cálculo por quê?

É o contrário, né. Não só você não pode programar a sua família de forma positiva em função do que você vai ganhar porque você já não controla os meios de produção, você só pode programá-la de forma negativa. Aí aparece o cálculo, que é um cálculo econômico rigoroso. Na verdade, a mercantilização da vida lhe rouba a maior parte do orçamento, come a maior parte do orçamento e fica muito pouco para os filhos. Então... todas as condições urbanas não são nada favoráveis às grandes famílias.

Bom, mas por aí não foi o CEBRAP. Poderia ter ido por aí e o tema da cidade teria se posto logo, imediatamente, de início. Então, o tema da cidade veio para o CEBRAP da mesma forma como ela havia chegado ao resto da universidade latino-americana. E foi exatamente pela marginalidade que era o “ai Jesus” daquela época na América Latina.

C. S. Rizek – É, e ela pautava um monte de debates.

F. de Oliveira – Pautava tudo. Praticamente, ela pautava tudo. O tema da marginalidade aparece com a primeira constatação - uma constatação que, na verdade, é falsa, é apenas aparente, de que a industrialização não criava um número de empregos suficientes para dar conta do crescimento da população. Ao invés de entenderem que é a industrialização que faz o crescimento da população, essa sociologia pobre, teoricamente pobre, na verdade, naturalizava a questão e pensava ao contrário. Pensava que a população que faz a industrialização... Em outras palavras, a marginalidade aparece na inquietação sociológica latino-americana pela mesma raiz malthusiana. Aí criaria este exército de excluídos, hoje a gente chamaria assim, de excluídos que tendiam a ser marginais do ponto de vista da necessidade do ciclo econômico - que é a tese central do (Nun). O apego a esta discussão (foi) elaborado teoricamente de forma mais sofisticada, mas é, essencialmente, isto. Foi bater lá no CEBRAP isso. Aí o CEBRAP resolveu testar, encontrar a marginalidade. É como um espírito que tenta agarrar um ... (risos) um ectoplasma. O CEBRAP resolveu testar. E fez uma belíssima

pesquisa na Bahia. A Bahia foi escolhida por uma série de circunstâncias, né. Esse tipo de circunstâncias que ocorreu na descoberta da penicilina, também ocorre nas ciências sociais. A Bahia tinha... O pessoal daqui de São Paulo tinha ido para lá e tinha feito o curso de ciências sociais, fundado o curso de ciências sociais lá. Começou com Perseu Abramo e àquela época estava Tristão Gonçalves, que eu não conheci, não cheguei a conhecer ou talvez, tenha visto algumas vezes, que era daqui de São Paulo, da turma da Maria Antônia e estava lá, dirigia o curso de ciências sociais. Essa passagem é misteriosa, não sei bem dizer como. Parece que ele conseguiu recursos também via Fundação Ford. E aí a mosca caiu no mel porque iam (todos) se reunir numa cidade como Salvador onde todo mundo apostaria que você iria encontrar a marginalidade ali, em ato; porque era uma cidade pobre. Salvador é hoje riquíssima, mas era uma cidade muito pobre com uma concentração de renda absurda, uma cidade negra (que traz em si) a estrutura da sociedade brasileira e com taxas de crescimento da população que continuavam muito altas e sem industrialização. Então, todos os fatores, de zero a doze, da famosa marginalidade iriam ser encontrados em Salvador. Era quase uma aposta com 99% de chance de dar certo. E o CEBRAP, então, montou isto e, na verdade, ninguém analisou a pesquisa porque logo o interesse passou para outra coisa. Como todos os centros, como todas as ONGs (Organizações Não Governamentais) estão hoje na mesma dinâmica: o que interessa é a próxima pesquisa porque você tem que sobreviver e, é uma espécie de... eu costumava dizer nos anos dourados deste CEBRAP mítico, que aquilo era o voo de besouro. Voava-se, mas ninguém sabia por quê. E o voo era assim: uma busca da próxima pesquisa que dava novo fôlego, que o dinheiro se esgotava e você mal terminava e começava outra e esta era a forma de sobreviver. Então, assim a pesquisa foi feita, mas ninguém analisou a fundo. Talvez a Elza Berquó tenha analisado...

C. S. Rizek – Vilmar Faria, né?

F. de Oliveira – Vilmar, um pouco do qual saiu o livro *Bahia de todos os pobres*². Que o título foi dado por mim... Com a minha família de Caruaru... Foi o único que depois pegou os dados trabalhou mais, saiu a tese dele de doutorado, que ele nunca publicou. E a Elza Berquó, pelo lado da demografia, quer dizer, mortalidade, fecundidade, crescimento da população. Então, a coisa pegou o CEBRAP por aí. É neste momento, nos anos 69, 70, 71, eu entrei lá no ano de 70.

C. S. Rizek – Como é que você chegou?

F. de Oliveira – Eu fui enganado. (risos) Não enganado malandramente porque não tinha maldade ainda.... eu entrei lá enganado porque me convidaram para entrar num grupo que ia estudar planejamento no Brasil. Havia um dinheiro dado pela Academia Brasileira de Ciências, um dinheiro que vinha, na verdade, do Ministério do Planejamento, mas era dado à Academia.

C. S. Rizek – Mas você estava em São Paulo?

F. de Oliveira – Eu estava em SP, trabalhava em consultoria, ganhava muito bem. Andava com carro do ano, morava na alameda Jaú, pertinho da av. Paulista, depois eu fui decaindo e parei aqui na Lapa. Aí, mantinha aquela pose, fazia pesquisa... Aí, Octavio Ianni me convidou para fazer parte deste grupo que ia estudar planejamento

² *Bahia de Todos os Pobres, Cole-tânea*. Souza, Guaraci Adeodato Alves de; Organizador - Faria, Vilmar, Petrópolis, Vozes, 1980.

³ Trata-se do livro de Octavio Ianni. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

⁴ Trata-se de João Paulo dos Reis Velloso, ministro do Planejamento do Brasil durante os governos de Emílio Médici e Ernesto Geisel, entre 1969 e 1979.

do Brasil. ele próprio estudaria planejamento nacional do qual saiu depois o livro *Estado e Planejamento no Brasil*³; eu ficaria com planejamento regional, como de fato fiquei porque sabiam da minha experiência na SUDENE, lá com Celso Furtado; acho que Tomás Szmrecsanyi, cujo sobrenome é impronunciável, fazia planejamento setorial ou alguma coisa assim. Este grupo não prosperou porque a famosa Academia Brasileira de Ciências, eu não sei se era esta ou se era uma outra sociedade que existia na época, deve ter sabido logo que nós éramos comunistas, segundo a ótica do governo, da ditadura e o dinheiro, o tal do Ministério do Planejamento, do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que era o Velloso⁴, nunca foi dado a esta sociedade, e o CEBRAP nunca recebeu. Então ficamos lá pendurados na brocha. Eu, o Octavio tinha outras relações porque ele era do grupo da Maria Antônia, eu fiquei pendurado na brocha. O Tomás estava, logo desistiu, viu que aquilo não dava camisa a ninguém e foi embora. Eu fiquei. Como o CEBRAP naquela época recebia bolsa da (Fundação) Ford, eu passei a receber uma das bolsas.... Eu fiquei fazendo projetos menores, um pouco ali para cobrir os flancos, quando a discussão da marginalidade estava forte no CEBRAP. Eu, na verdade, não sei se quem me convidou foi Octavio Ianni ou se foi Fernando Henrique. Eu tive contato com Octavio, como nós éramos da SUDENE a gente o levou, umas duas vezes, para dar aulas nos cursos de formação de pessoal. E o Fernando Henrique, eu conheci no Chile quando ele estava lá. Eu fui ao Chile tentar um ganchinho na CEPAL, como todo mundo conseguia, eu fui também. E lá eu fiquei boiando. Cheguei com 100 dólares no Chile e sai com 100 dólares. E sobrevivi três meses no Chile, tomando sopa ... Só tomava sopa lá, onde Weffort almoçava. Ele até é generoso, mandava sopa para mim e tal. E às vezes, de noite, pegava uma carona ali, eles se juntavam. Acho que Fernando Henrique ... eu o conheci lá. Celso Furtado estava lá naquela ocasião, a gente saía muito junto. Finalmente, eu não sei qual dos dois, na verdade, foi que me convidou lá pro CEBRAP. Podem ter sido até os dois.... Eu estava então lá, e fiquei cobrindo flancos, fazendo uma coisa, tudo que aparecia... Eu tinha apelidado isto de indulgências. Indulgências são esses projetos que você fazia e, como as indulgências da santa madre igreja, elas forram o estômago, mas salvar a alma, não sabemos. Serve na verdade, para forrar o estômago. A gente fazia indulgência, fazia plano para Itapetininga, fazia guia de profissões e não sei o que para editora Abril porque estava lá o Pedro Paulo Poppovic, na editora Abril, e conseguia umas coisas; tudo era indulgência, não servia para coisíssima nenhuma. Eu me mantive com isto aí, né. E ... a discussão começou a rolar. Então, eu participava das discussões do famoso mêsão, quando ocorreu o famoso artigo do Fernando Henrique. O artigo em que ele chamou o golpe de 64 e a famosa redentora de revolução burguesa. Ele chamou de revolução burguesa, tentando sofisticar o argumento. A matriz do que ele chamava de revolução burguesa - são pistas, na verdade, deixadas por Marx, algumas delas seguidas de uma maneira ortodoxa, que dão sempre em burradas monumentais. E outras vezes, seguidas de forma heterodoxa, na linha do próprio velho, e, portanto, muito produtivas do ponto de vista teórico. Enfim, a tese da revolução burguesa baseava-se no fato de que a ditadura estava alterando as forças produtivas.

C. S. Rizek – A questão da modernização.

F. de Oliveira – A questão da modernização vinha marxistizada pelo lado da mudança das forças produtivas, portanto, isto não necessariamente dava na revolução burguesa. Florestan ainda não havia escrito “A Revolução Burguesa no Brasil”. Os marxistas brasileiros, todos, tinham muito pouca afinidade com os frankfurtianos. A crítica

frankfurtiana não tinha colado. O marxismo deles todos era o d'O Capital, de uma forma bastante, eu diria, de uma forma bastante tosca.

C. S. Rizek – O Weffort neste momento já estava lendo Gramsci. Ou foi depois? Ou foi lá pelos anos 70?

F. de Oliveira – Ele começa a ler Gramsci, mas a produção dele ali não tem nada de gramsciana. O famoso texto dele sobre conflito industrial em Osasco, você não encontra nada de gramsciano ali. Ali na verdade, é um cepalismo sociologicamente requentado, não tem nada de leitura gramsciana.

C. S. Rizek – Ele tenta repensar a noção de dependência. Tem um artigo sobre isto.⁵

F. de Oliveira – Tem uma polêmica dele. Porque daí, do famoso artigo do Fernando Henrique saíram três discussões polêmicas, né. A do Weffort, já é anterior porque a do Weffort já é uma crítica a “Dependência e Desenvolvimento na América Latina”, em que ele contesta dizendo que, na verdade, não se tratava de relações entre nações, mas relações entre classes, que isto estava ausente em “Dependência e desenvolvimento” e isto, realmente, estava, né. Daí eu participei (e) foi muito interessante naquele momento. (Então) saiu o famoso artigo do Fernando Henrique, este cuja base era uma interpretação ortodoxa da mudança nas forças produtivas que daria em revolução burguesa. Daí sairia, de alguma maneira ..., a aposta na democratização no longo prazo, não era tolo de afirmar a curto prazo; no longo prazo. E daí saíram duas críticas ao Fernando Henrique: uma é minha, que é “A crítica a razão dualista” e a outra, do Paul Singer, que é um artigo dele que fez muito sucesso, reproduziu-se durante muito tempo, sobre o milagre econômico brasileiro.... A postura do Singer é explicar o milagre, não é, por um aumento da taxa de exploração da força de trabalho. Segue (então) um caminho teoricamente marxista clássico, não tem nenhuma inovação propriamente. É um artigo bom, mas não tem inovação teórica. ...

C. S. Rizek – Ele achava que estava havendo um desenvolvimento das forças produtivas?

F. de Oliveira – Ele apostava. Mas ele vai explicar o desenvolvimento, sobretudo, as taxas milagrosas de crescimento pelo aumento da taxa de exploração.

C. S. Rizek – Contra o Fernando Henrique, portanto.

F. de Oliveira – Contra o Fernando Henrique, portanto. Quer dizer, havia um aumento da taxa de exploração. Ele faz um estudo breve do chamado milagre alemão, pós-guerra, do milagre japonês, que eu me lembre, são os dois casos que ele usa comparativamente. Consegue através de procedimentos que, no marxismo, são bastante toscos, não são muito elaborados, mostrar um aumento da taxa de exploração medida pela relação salário-lucro na economia. Tudo através de indicadores macro... Então, uma ideia, bastante envolta em nuvens, de real aumento da taxa de exploração da força de trabalho, da relação salário real-custo de vida ... Através deste indicador ... ele vai defender a tese de aumento da taxa de exploração e, portanto, o milagre não dependia, não teve como pré-requisito nenhuma revolução burguesa como Fernando Henrique articulava. A minha reação foi a que deu n’ “A Crítica à razão dualista”. Eu fui tentar entender o processo real de acumulação. No meu modo de ver, esta é uma

⁵ Trata-se de Notas sobre a “Teoria da Dependência: Teoria de Classe ou Ideologia Nacional” em Estudos Cebrap, n. 1 São Paulo, 1971 in <<https://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/?r=acervos/busca&keyword=weffort>>. Acesso em março de 2025.

crítica que eu sempre fiz ao Celso, desde “A Crítica à razão dualista” - ao Celso, não, à CEPAL - eles não têm nenhuma teoria da acumulação, mas eles têm uma teoria de formação do capital que é uma coisa muito neoclássica. Como a CEPAL, na verdade, construiu uma coisa que é muito heterogênea, desta heterogeneidade saiu uma coisa muito criativa, sem dúvida nenhuma, que redefine tudo; mas a CEPAL é uma espécie de Frankenstein que deu certo. Quer dizer, tem um pedaço de neoclassicismo, a coisa de formação de capital é bem neoclássica; tem um pedaço de inspiração marxista; tem muito de keynesianismo, que é, na verdade, uma espécie de argamassa básica do modelo da CEPAL, é o keynesianismo, é uma leitura, digamos, progressiva de Keynes. Então, eu fiz “A Crítica” no sentido de apontar esta insuficiência de uma teoria de acumulação. Teoria da acumulação, ao meu modo de ver, difere de uma teoria da formação de capital porque uma teoria da acumulação busca os nexos reais e entre... E tem que assentar-se basicamente, numa teoria da exploração da força de trabalho - coisa que, evidentemente, não estava colocada na teoria cepalina. Então, eu estava insatisfeito com isto já há algum tempo; tinha alguma experiência do Estado brasileiro, tinha passado 5 anos numa coisa que eu vi, muito de perto, a função do Estado no capitalismo contemporâneo; longe de ser uma coisa da SUDENE, longe de ser uma invenção teórica, é a prática comum e corrente desde os anos 30.

C. S. Rizek – Você estava na SUDENE até...?

F. de Oliveira – Até 64. De 59 a 64. Quer dizer virou um horror do ponto de vista político, mas foi quando ela teve êxito. A SUDENE é uma espécie de... sei lá, como definir. Ela deu certo quando politicamente estava tudo errado. Deu certo do ponto de vista do quê? Do ponto de vista de que seu projeto, o projeto da SUDENE, que era transferir capitais do sudeste e do resto do Brasil para o Nordeste. A ditadura fez (isso). Quer dizer, financiou todos os grupos...Através de incentivos fiscais. Então, a SUDENE industrialista que é a que eu certo. A SUDENE das reformas, essa foi pro balacobaco, e morreu, resistiu alguns anos ainda, as pessoas tentaram reformar sempre mas ela não resistiu, não vingou; não se realizava a reforma agrária na Zona da Mata do Nordeste, mesmo o programa do Maranhão, que era uma reforma agrária disfarçada e colonização, que era um termo palatável e aceito pelo conflito de classes na época; a SUDENE da reforma das cidades, que era um tema importante na agenda; a SUDENE das empresas estatais capazes de articular público e privado – essa foi pro bebeléu. A SUDENE do êxito é o mostrengo do industrialismo financiado, na verdade, por esta transferência de capitais, e essa... Eu vinha desta experiência, portanto, e a discussão sobre marginalidade me incomodava muito. Quando eu peguei a discussão no CEBRAP me incomodou muito. Os resultados... Os primeiros resultados da pesquisa da Bahia já estavam disponíveis... Foi um pouco, talvez, mais experiência de vida do que teorização. Na verdade, a teorização sobre a qual eu me sustento n’A Crítica à razão dualista é muito fraca, muito débil, e basta ver pelas citações, não tem quase citação nenhuma, foi um chute que entrou no gol. Talvez, eu tivesse naquela época como Pelé na Copa ele chutava de 50 metros; hoje, eu não chuto nem de três. Aí, eu tinha um desconforto muito grande porque... Eu fui, então, tratar de entender como é que numa economia com insuficiência crônica de capitais, como é que capital se formava, na verdade, como é que se acumulava. Aí, eu peguei dois eixos: o primeiro dos quais era (a) relação agricultura-indústria, para mostrar através do movimento de preços como é que a indústria – e aí eu contestava de cheio a tese do dualismo – porque eu tentava mostrar como é que o setor atrasado, na verdade, alimentava o

setor moderno, ao contrário do dualismo que pensava os dois 'brasis', e toda aquela, e dois setores que nunca se encontravam, que eram hostis, que não se alimentavam. Eu fui entender este processo; e este processo tem uma sugestão teórica de Marx que é muito interessante que está nas "Guerras Civis na França", ali tem uma sugestão... Evidentemente, o conceito que estava sustentando tudo era o de acumulação primitiva.

C. S. Rizek – Muita gente achou que você era luxemburguista (risos)

F. de Oliveira – Ah, eu era tudo. Achavam que eu era trotskista; outros, que eu era luxemburguista...

C. S. Rizek – Trotskista por causa do desenvolvimento desigual e combinado, e luxemburguista por causa da coexistência entre a acumulação primitiva e (a) acumulação capitalista..... não é?

F. de Oliveira – Acho que, na verdade, foi o Partidão que nunca me engoliu direito. O Partidão até que tentou, naqueles anos perigosos, (me convidou para) eu fazer exposições paras as células, ... mas na verdade, eu acho que eles nunca entenderam direito... Então, eu fiquei uma figura indecifrável, porque... (havia a pergunta) "de onde é que vem este peste aí?"

C. S. Rizek – Você estava falando da sugestão de Marx.

F. de Oliveira – A sugestão de Marx é muito interessante porque é uma sugestão que está... no "18 de Brumário" ... mas está menos desenvolvido do que na "Guerra Civil na França"; é uma sugestão como, de onde vem, na verdade, o capital bancário na França, nas guerras civis... A maior parte das coisas de Marx (é feita de) análise de conjuntura que tem uma força teórica enorme. E aí eu comecei a ligar com as coisas que eu conhecia do Brasil, não é? Eu tinha sido bancário, dos 14, dos 14 aos 22 anos, eu fui bancário, eu trabalhava em banco privado; depois ... aos 18 anos, entrei no Banco do Nordeste, por concurso. Depois é que eu fiz o curso de desenvolvimento econômico e fui para Fortaleza; mas aí, eu já era posudo, achava que sabia alguma coisa. Eu fui bancário este tempo todo, né. E os bancos mais fortes do Brasil, com exceção evidentemente, do Banco do Brasil, eram os bancos de Minas, banco da Lavoura, não é. É... Banco da Lavoura de Minas Gerais que é um banco fortíssimo. O Banco Nacional veio a ser forte depois, nos anos 60; na época que eu trabalhei..., na verdade, mal era mencionado. Mas havia dois ou três bancos em Minas, com os pés fincados na agricultura mais atrasada, que a agricultura de Minas era tão ou mais atrasada que a do Nordeste...

... você pensa num Magalhães Pinto... ou Moreira Sales, ou no Banco Real, que é uma sucessão de fusões e, mas cuja origem está lá no Banco de Crédito Real de Minas Gerais e tal... Você pega todos eles, não é, os bancos de São Paulo; esses bancos todos eu conheci porque eles já tinham filiais no Nordeste quando eu era bancário aos 14 anos. Quer dizer.... há muito tempo. E, no entanto, não tinha nenhum banco de São Paulo, por exemplo, no Nordeste todo não tinha nenhum banco de São Paulo. O que existia era o Banco do Brasil e os bancos de Minas, não é? Aí, eu disse "esse treco é misterioso, de onde é que vem esse capital bancário, onde ele está fincado?". Por isso, eu fui estudar as relações entre indústria e agricultura.

Estudei, primeiramente, do ponto de vista macroeconômico, então, segui através de indicadores de preços, de indicadores de crescimento. Depois foi que eu matei a charada, ou achei que matava a charada com a questão do custo de reprodução da força de trabalho. Eu vi através das coisas do IBGE, a composição da cesta de consumo dos trabalhadores, dos trabalhadores industriais; e à época, a composição da cesta de consumo dos trabalhadores industriais numa cidade como São Paulo ainda tinha um forte componente da agricultura camponesa, tinha fortes componentes. Você tinha, basicamente, a alimentação era basicamente vinda da agricultura atrasada; quer dizer, farinha de mandioca, feijão, arroz ... Arroz era uma cultura mais difícil, mais complicada, mas assim mesmo... mas... Digo: “bom aqui tem alguma coisa”. Você pode ter um crescimento industrial deste porte sem elevação dos salários reais porque alimentação custa barato. Essa alimentação que custa barato é fornecida pela agricultura tradicional. Há aqui outra relação também, portanto, além da relação entre excedentes monetários da agricultura atrasada, evidentemente, com os latifundiários e o nascimento do sistema bancário, há outra relação que era entre a indústria e o custo de reprodução bancado pela agricultura atrasada. Fui para o terceiro aspecto que me incomodava, incomodava muito também, (que) batia propriamente na questão do famoso marginal. Aí, a marginalia era o equivalente ao setor informal e...

O terceiro eixo é o da marginalidade. A marginalidade, como a gente já sabe, repousava naquela constatação - que era falsa; era um momento estatístico apenas do ciclo de industrialização - de que a indústria não criava empregos suficientes para a população que tinha que absorver. Primeiro lugar, isso estava baseado, de novo, numa pista de Marx que perdurou por muito tempo e ainda perdura que é dizer que só o trabalho industrial é produtivo. Isso deu uma enorme confusão na esquerda toda, atrapalhou os programas.... Parece que ninguém nunca leu os Grundrisse e o capítulo do trabalhador coletivo, e ficou aquela coisa que está lá n’O Capital, e isso também estava na base do fato de interpretar-se todo trabalho não-industrial como marginalidade, não é?

C. S. Rizek – (Como os) serviços...

F. de Oliveira – Serviços, tudo isso era marginal. E como começava a aflorar de forma já saindo pelo ladrão, esse trabalho que não tem contrato, que se chamou um tempão de informal - esse termo informal foi cunhado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho), num célebre trabalho sobre, veja, economia do Quênia, um célebre trabalho da OIT sobre Quênia - e chamaram isso de setor informal porque não sabiam dar outro nome.

Isto foi transportado acriticamente para uma realidade como a brasileira e a latino-americana que estava em plena industrialização, industrialização que morre no ... final dos anos 70, mas que desde os anos 30 e nos anos que estávamos atravessando estava indo de vento em popa, e dando muito emprego. Mas ... havia, na verdade, um preconceito contra o trabalho não-industrial, porque o trabalho não-industrial não fundava a classe social, porque o trabalho não-industrial não fundava um proletariado e, portanto, não fundava a promessa da revolução e da transformação socialista. Tudo isto é um monte de preconceitos que estava lá acantonado, isso que achavam que era o setor informal. Além de uma evidente transformação empírica mal feita, de um - não era nem um conceito - era uma descrição feita para o Quênia, cujas condições, evidentemente, de capitalização e de economia capitalista são, ainda

⁶Ver a respeito dos “*faux frais*” a conceituação de Paulo Singer: “Examinando-se o modo como evoluiu a divisão do trabalho, sobretudo nas economias mais avançadas, parece claro que há várias espécies de trabalho que não são nem produtivas nem improdutivas, podendo se aproximar de um ou outro polo em maior ou menor grau. Isso vai depender de como se conceituam “necessidades humanas” e principalmente como se as distinguem das necessidades do “sistema”, considerando-se que estas últimas dão lugar a “*faux frais*” da produção, a “falsos custos” que, em tese, poderiam ser eliminados se a produção pudesse ser organizada em termos inteiramente racionais” in *Trabalho produtivo e excedente* <<https://doi.org/10.1590/0101-31571981-1101>>. Acesso junho de 2025.

hoje, infinitamente menores, estão num nível que não tem nada de parecido com o Brasil. Aí eu fui, de novo, visitar os poucos clássicos que eu conhecia. E vi aí estas indicações... Mesmo n’O Capital, quando Marx discute a questão dos serviços que ele vai chamar de *faux-frais*.⁶ Ali tem um evidente embaralhamento que o marxismo nunca resolveu. Na verdade, porque já estava resolvido. Com o trabalhador coletivo este problema desaparece. Mas ali, circunscrito àquela coisa, ninguém resolveu. Há um evidente embanamento teórico do velho - que eu já que estou chamando de velho, sou mais velho do que ele quando morreu - quando ele se dá conta que com isso ele está dizendo que a revolução industrial não criou proletariado nenhum porque a revolução industrial tem a sua enorme expansão através das ferrovias. Ali ele se confunde ... e abre um parêntese especial para explicar a função do transporte. A função do transporte, resumindo ... para dizer que os transportes são uma forma de serviços que não é *faux-frais* e que de fato ele agrega valor. (Assim) ... ou explora mais-valia e produz mais-valia, ou ... agrega valor. Então, foi com estas pistas que eu fui tentando reinterpretar, à vista do que era o crescimento deste chamado setor informal, que não era nenhuma herança do passado. Na verdade, ele cresceu...

C. S. Rizek – Mas era vista como herança do passado.

F. de Oliveira – Era vista como herança do passado, não é. Ele tem formas do passado que são muito interessantes.... Estas formas, não surpreendentemente, porque quando a gente lê Gilberto Freyre nos anos da minha formação, a gente via com preconceito... Mas em “Sobrados e Mocambos” isto está descrito largamente. Na verdade, é toda a dissolução da ordem patriarcal no fim do século XVIII e início século XIX que cria as cidades, muda a relação campo-cidade e estão descritas (ali) todas as formas primitivas de trabalho informal: o escravo de aluguel, a vendedora de bolo, todos os tipos de Debret e Rugendas estão ali. Mas isso é... Apesar de que tem... Tem estas formas do passado, o que não quer dizer, de forma nenhuma... que a coisa é a mesma, nem que foi daquele estoque de população marginal, entre aspas, do século XIX, que surgiam os marginais do século XX.... Desta vez ... eu fiz o caminho inverso, no sentido do estudo da relação entre agricultura-indústria. Na agricultura-indústria eu vi a composição da cesta de consumo do trabalhador industrial. No caso dos informais, eu fui ver a que estava (designado) como o chamado trabalho informal. E ele estava em *adicto* (em situação de dependência), na verdade, (em relação) ao setor industrial; ou direta ou indiretamente, não é. Acho que ainda me lembro do trecho que escrevi que...Acho que citei o caso dos lavadores de carro, quer dizer... estava *adicto* (dependia do) ao setor industrial. Sobretudo, na circulação. Era a circulação - para sair do imbróglgio teórico, que eu também não sabia sair, esse que o próprio Marx criou, eu opereí um truque metodológico. Na verdade, pareceu a mim que para não entrar numa discussão - se produzia mais-valia ou não produzia mais-valia, se era proletariado se não era, que eu não sabia sair desta enrascada - eu fui pela tentativa de explicar o chamado trabalho informal no contexto de industrialização rápida e urbanização ainda mais rápida como uma espécie de serviço não-capitalizado fornecido ao capital industrial. Quer dizer, foi um truque, na verdade, porque eu não sabia sair.

C. S. Rizek – E aí é que entra a questão dos mutirões.

F. de Oliveira – Aí que entra. Eu tive a sorte... Eu tive a sorte, nesses anos, naqueles anos, eu andava metido com escolas de arquitetura... Andava metido era uma

expressão que os arquitetos não gostam muito porque parece uma coisa menor. Quando na verdade, eu fiquei conhecido de um grupo de arquitetos, um grupo de arquitetos da FAU.

C. S. Rizek – Da Arquitetura Nova, né? Rodrigo...

F. de Oliveira – Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro, é... Eu fiquei conhecido deles...

C. S. Rizek – Mas eles citam você nas entrevistas, muito frequentemente. Qualquer dia desse, eu te conto qual era a discussão que estavam eles fazendo na época: havia uma questão relativa ao Artigas.

F. de Oliveira – Era contra o Artigas. Eu entrei nesta briga sem saber de qual lado eu estava, porque eu não tinha ideia... Na verdade, eu era um bicho estranho em São Paulo, eu não tinha a menor tradição em relação com ninguém. Era tão assim que, uma vez... Uma vez, na casa do Gabriel Bolaffi, numa festa que ele deu, é... eu estava lá, e eu era uma estrela, todo mundo queria saber de onde surgiu esse pavão misterioso. Aí lembro que a Walnice se aproximou de mim e perguntou, na lata assim, porque ela tem um jeito todo, perguntou na lata, disse: “quem é você? de onde vem você que nos passou na cara essa ‘A Crítica à razão dualista’?”

C. S. Rizek – Mas então, Chico, as escolas de arquitetura.

F. de Oliveira – Eu dei um curso lá na FAU quando Juarez Brandão quis me levar para lá, eu dei um curso lá de seis meses. O curso foi basicamente sobre economia brasileira. Então... E eu tinha conhecido Sérgio Ferro através do Bolaffi. Aí nessa ocasião, exatamente... foi 71... Nós todos descemos pra Santos, onde se criou a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos. E aí descemos todos, fui eu... Na verdade, foi o Bolaffi que assumiu e passou para mim um negócio de Fundamentos Econômicos da Urbanização. Aí eu dava apoio assim: estava Rodrigo que dava projeto, estava Sérgio Ferro, enfim... Estava Mayumi de Souza Lima, Sérgio de Souza Lima, estava o Heck, aquele, a mulher dele... uma turma grande. Estava Ruy Otake. E eles tinham feito uma pesquisa, Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre coordenaram uma pesquisa sobre mutirões na Baixada Santista. E eles aí me deram, era um rolo, assim, de questionários. Estava apenas nos primeiros (momentos) de processamento de dados... Aí me deram um maço de coisa, assim, prá eu ver. Quando aquilo caiu na minha mão, eu tive um estalo de Vieira. Estava lá. Tinha uma pesquisa de orçamento familiar, devia ser tosca do ponto de vista estatístico, eu não sei bem como eles fizeram ... não sei se foi bem-feita do ponto de vista estatístico. Mas isto você vê que estas coisas têm pouca importância. Aí bateu nas minhas mãos e eu fui ver e, para enorme surpresa deles todos e minha também, aparecia que a maioria tinha casa própria. A maioria tinha casa e respondia no quesito “casa própria” entre as opções casa própria, alugada, não sei o quê... Casa própria, ganhava de lavada, né, ali nos piores da Baixada Santista, nos piores lugares, nos lugares mais pobres de Santos. Evidentemente, a semântica burguesa chama um barraco de casa própria, pela qual, evidentemente, não pagavam nada. Porque... E eles que eram apaixonados, sobretudo Rodrigo apaixonado pelo tema da construção popular e da moradia popular e das formas, dos processos de trabalho que a classe dominada, proletária, ainda dominava. Eles eram apaixonados por esta história, trabalho da construção, da autoconstrução...

C. S. Rizek – O saber técnico...

F. de Oliveira – ...o saber técnico, como (que) se transmite, como é que ainda é preservado. Por esta razão, eles tinham no questionário questões referentes a como tinha sido feita a casa: se contratada, se comprada, se Caixa Econômica, todas as formas... e a forma de mutirão apareceu, aparecia e ganhava de lavada, não é? Eu disse aqui está a chave dessa, isso aqui é o custo de reprodução da força de trabalho. A chave desse mostrengo tem uma peça que está aqui, foi dada assim, de graça, e eu recebi nas mãos e isso está incluído n' "A Crítica à razão dualista" como um dos exemplos de rebaixamento do custo de reprodução. Aí eu fui dar o curso (e) já foram minhas alunas Ermínia Maricato, Clara Ant e um bando deles que eu não me lembro mais... sei que tinha um grupo que andava com Clara Ant. Eu sei que eles tinham esta turma lá. Clara Ant morava aqui na Pompéia, até perto de mim, quando eu ali morei na Tavares Bastos. Ela morava numa casinha, acho que era dela. Aí, Clara Ant morava ali (e) reunia com um grupo de amigos dela e tal. Estava tudo misturado ali: partido, cachaça, Trotsky....

... "A crítica à razão dualista". Juro ... que a base da minha discussão era paupérrima, era paupérrima. Eu me sustentei em muito pouca coisa.

C. S. Rizek – Pois é, mas teve uma sacada importante...

F. de Oliveira – Foi uma sacada.

C. S. Rizek – ... incrível, né. E daí vem "O Estado e o Urbano", depois disso, não foi?

F. de Oliveira – Foi, foi depois disso, foi. "O Estado e o Urbano" foi um curso que o Celso Lamparelli organizou, acho, não me lembro bem exatamente... Eu dava umas conferências e tal. E... aí eu entrei...

C. S. Rizek – Você entrou prá fazer essa tua participação no curso que virou "O Estado e o Urbano", não foi?

F. de Oliveira – Foi. Foi. Eu não me lembro bem direito onde foi. Acho que foi na FUNDAP (Fundação de Desenvolvimento Administrativo). Acho que foi. Já existia a FUNDAP naquela época?

C. S. Rizek – Acho que sim.

F. de Oliveira –Acho que foi na FUNDAP.

C. S. Rizek – E aí, e aí, lá no CEBRAP ainda, como foi a repercussão d' "A Crítica à razão dualista"? Teve alguma discussão?

F. de Oliveira – Olha, a repercussão foi, foi... A repercussão foi excepcional. Não poderia dizer que foi de outra forma, né. É... Fez-se mesão especial. Na verdade, ele estava no centro das discussões. Mas fizeram-se mesões especiais, havia um mesão especial que era... vinha gente de outros estados, vinha gente do Rio, vinha o Pedro Malan, Antônio Barros de Castro, vinha... (gente) de Brasília; vinha, praticamente,

o aparelho de Estado que tinha facilidade de viajar. Vinha Bresser Pereira, Eduardo Suplicy, era um furdúncio danado. E eu me lembro bem de um seminário que foi feito especialmente para discutir “A Crítica”. Eu fiz uma exposição e tal. Foi uma discussão muito interessante. E eu acho que porque, sobretudo, nenhum era estrela ainda. Então, tinha certa franqueza que chegava, às vezes, até à rudeza. Certos momentos, a discussão [chegava] a ser rude. Cândido Procópio, que era um gentleman, sofreu pra burro nos mesões do CEBRAP porque ele meio que se filiava a uma teoria da modernização e as pessoas caíam de pau. Giannotti era de uma impiedade; Bresser Pereira ia pra lá discutir aqueles textos dele e Giannotti chamava ele de ‘joão-bobo’. Você veja como as coisas são, hoje andam agarrados. Eu dizia “você é um joão-bobo, a gente bate e você volta, bate e volta, bate e volta”, porque caíam de pau dizendo que aquilo dele de modo de produção inter-burocrata não tinha nem pé nem cabeça. De fato, não tinha; aquilo é um plágio do Galbraith que ele leu, entusiasmou; muita gente achou o livro belíssimo, e de fato, é um livro interessante, sugestivo, então, é muito rico. Eu me lembro desse seminário que Antônio Barros de Castro – [de] certa forma competia comigo na questão regional. Ele tem o livro, “Sete ensaios sobre a economia brasileira”, um dos quais é dedicado à questão regional. Ele trata a questão regional do ângulo neoclássico, de desequilíbrios de fatores. E a minha abordagem da questão regional era inteiramente outra e eu cai de paulada. Ele aproveitou e me deu o troco, não é. Nesse seminário, ele cai de pau em cima do texto, chamou de funcionalista, e não sei o que e tal. E o italiano, o Giannotti, nessa época, a gente trabalhava muito junto, (sentávamos) até na mesma ... na mesma sala, famosa sala aonde eu fui lá com o DOPS revirar minhas famosas anotações, que eles já tinham, evidentemente, surrupiado e transferido para outro lugar, na qual eu me arrependo muito porque eu nunca mais peguei de volta. Então, a gente trabalhava muito junto; tinha uma relação intelectual boa, uma relação até de camaradagem, eu frequentava muito a casa dele e tal. E Giannotti que se encarregou de me defender, aí ele desmontou o Barros de Castro na cara de todo mundo. Barros de Castro já era muito conhecido por causa da CEPAL, porque ele tinha um livro dele e do Bresser, “Introdução à Economia”, que era uma espécie de manual que eles usavam nas escolas; então, eles eram conhecidos. E o Giannotti desmontou Barros de Castro, disse que ele não entendia nada de funcionalismo e de porcaria nenhuma E depois do seminário, o Barros de Castro chegou-se a mim e ao Giannotti, e pediu uma bibliografia sobre o funcionalismo. O italiano, que é muito safado, depois me revelou, disse “olha o teu crítico, ele não sabe nem o que é...” Bom, então, teve muita repercussão e... a... Foi publicado, primeiro, na Revista de Estudos CEBRAP.

C. S. Rizek – Número 2, não é?

F. de Oliveira – No número 2... Logo depois, Giannotti editou uma coletânea em separado, onde ele pegava os melhores da Estudos CEBRAP e publicava como um livro, Seleções CEBRAP, acho que só saíram dois... Na primeira acho que saiu um texto dele junto com outro autor, um filósofo de ciência, e um texto do Fernando Henrique sobre a revolução burguesa. Na outra saiu “A Crítica à razão dualista” e o texto do Francisco Sá, que é um economista, carioca, que trabalhou na SUDENE. E na mesma época - nós não nos conhecíamos, porque ele foi prá SUDENE depois da minha saída de lá - ele produziu um texto sobre agricultura de subsistência que é rigorosamente o que eu tinha pensado. E a gente não se conhecia, não tinha lido um ao outro; mas seu fiz questão de publicar o texto dele primeiro, na Estudos CEBRAP, e depois, nesta

Seleções, não é. Era... tinha uma criatividade, mas depois desistiu de ser economista ... e eu nunca mais tive notícias dele: Chico Sá. Então, teve muito sucesso, passou a ser disputado, xerografavam. E foi para a França, eu soube que lá era discutido, mas nunca foi publicado no exterior, salvo numa coletânea inglesa que não teve muita repercussão internacional.

C. S. Rizek – E depois veio a “A Economia da Dependência Imperfeita”?

F. de Oliveira – É uma crítica à teoria da dependência. Foi feita na discussão com Fernando Henrique, também, nós tínhamos uma boa relação intelectual. O Fernando tinha uma técnica especial de discussão, que ele aprendeu, evidentemente, da USP, no circuito universitário. Ele deixava todo mundo expor os pontos de vista e ele era o que falava sempre por último, então, ele fazia a síntese, tirava o creme e deixava o leite desnatado para cabrito tomar. Mas ele era aberto, era muito aberto. De fato, não vou fazer a reconstrução da história que eles mesmo, os tucanos, já fazem. Mas ele era muito aberto...

C. S. Rizek – e a questão da cidade no CEBRAP, como é que foi lá, como foi nos anos 70? Porque daí surgiu São Paulo 75, os estudos sobre migração, que talvez seja um pouco anterior ...

F. de Oliveira – É. Eunice tinha feito na USP já, né. É...

C. S. Rizek – A caminho da cidade⁷.

F. de Oliveira – É, os estudos sobre cidade não tiveram uma boa implantação no CEBRAP. O CEBRAP estava com aquilo na mão, mas direcionou para outros lados... Na verdade, quem agarrou a questão da cidade... tinha duas pessoas lá que trabalharam muito a questão da cidade. Lúcio era um deles. Lúcio, a meu modo de ver, foi quem agarrou melhor. Lúcio... pegou o tema da marginalidade e... e deu a ele o lugar que ele estava, que era a cidade. Porque não vale como agora, não sei se ainda está na moda, mas até há pouco tempo, eu mesmo tive um orientando, o Elson Pires, que tentou colocar trabalho informal na agricultura. Eu fiz uma crítica, disse: isso não tem nada a ver, a... a teoria social já tem nome e conceito para trabalhar com essas coisas da agricultura e não me venha agora dizer que tem trabalho informal na agricultura; isso é uma impropriedade... Lúcio, então, botou no lugar onde ela é, que era a cidade, mesmo, não é. E fez disto o certo de uma reflexão, que é o livro dele, que eu acho que foi a coisa melhor que saiu sobre cidades, daquela floração... é... daquela floração no CEBRAP⁸. É... O outro que trabalhava muito o tema de cidade era o Vilmar Farias. Mas o Vilmar Farias tem um viés neoclássico extremamente forte. Quer dizer, ele trabalha por tipologias, por... E nem é muito sofisticado, é relativamente tosco. Mas estava mais impressionado com essa coisa quantitativa, de rede de cidade, de hierarquia de cidades e nunca pegou o touro pelo chifre como o Lúcio pegou, não é. Então, não saiu, não frutificou muito, não é. Na verdade, a questão da cidade, foi provocada de fora. Foi provocada pela marginalidade e provocada pela Pastoral.

C. S. Rizek – D. Paulo Evaristo Arns ...

F. de Oliveira – D. Paulo. Foram os anos de crescimento total da evidência dele. E... e ele queria saber, (já) que a arquidiocese era dele. Então, de novo ali por relações...

⁷Eunice Ribeiro Duhram. *A Caminho da Cidade; a vida rural e a migração para São Paulo*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1973.

⁸ Trata-se de *São Paulo 1975 Crescimento e Pobreza*. Edições Loyola, São Paulo, 1976.

o Cândido Procópio era muito ligado à igreja... Fazia sociologia da religião e era muito ligado, ele continuava com laços muito fortes com a igreja; foi membro da... da Comissão... como chama?

C. S. Rizek – Justiça e Paz.

F. de Oliveira – ...Justiça e Paz, da arquidiocese; e levou o pedido do cardeal, que na verdade, foi uma encomenda que ele pagou, da qual resultou “São Paulo (75)-Crescimento e Pobreza”. “Crescimento e Pobreza” foi a junção dessas temáticas que saíram todas da marginalidade, ancoraram um pouco na demografia, ancoraram o trabalho do Lúcio, é... do Vinícius Caldeira. Como todo mundo pode ver, eu mesmo não escrevi em nenhum dos três livros que a Cúria, que a Comissão de Justiça e Paz encomendou ao CEBRAP. Aí... Não foi por discriminação ideológica, não vou fazer uma acusação dessa, seria leviano. Aí, foi pela divisão do bolo.

C. S. Rizek – Pelas indulgências.

F. de Oliveira – Pelas indulgências. (risos) Aquilo era pago e precisava-se remunerar pessoas no CEBRAP, aquilo, havia uma divisão ali, que era variável, não era fixa. Vinícius era o outro, mais ou menos, sem-terra como eu no princípio no CEBRAP, não tinha tema direito... Então, foi dado a ele a coordenação, inclusive porque ele também tinha relações com a igreja e tal. Foi dado a ele a coordenação e iria lhe pagar, pro sujeito escrever e tal. Então, veja que um dos produtos melhores do CEBRAP sobre a cidade saiu por acaso. Não era o tema, né. Quer dizer, o CEBRAP teve o tema na mão e deixou fugir. Vilmar continua ainda com alguns estudos quantitativistas, medindo distâncias de cidade, criando aqueles indicadores de hierarquia e tal, mas aquilo nunca deu produto teórico com muito entusiasmo, uma coisa mais ou menos brochante. Você estabelece hierarquias, funcionaliza, quer dizer, uma coisa muito funcionalista, mistura de neoclássico com funcionalismo, cidade e serviço, cidade e não sei o quê. Nunca deu coisa não é brilhante, não que deva ser brilhante, mas (tinha que haver) coisa sugestiva que fecundasse outras áreas de pesquisa, não é.

C. S. Rizek – Foi o período mais fecundo, né, entre 60 e 70. Porque daí entre 70 e 80, nos anos 80, é a teoria dos movimentos sociais. E aí, era o CEDEC que vai...

F. de Oliveira – Aí é o CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea) que é uma das dissidências mal explicadas do CEBRAP. A outra dissidência é o... é o... IDEC (Instituto de Defesa do Consumidor, hoje dos Consumidores), Aquele do Sérgio Miceli. Essa foi a segunda dissidência que foi Bolívar Lamounier que liderou. Liderou, não, saiu ele sozinho; na verdade, o Sérgio Miceli juntou-se depois, vindo de outro lado, Sérgio Miceli não teve passagem pelo CEBRAP...Então, aí foi quando... Quer dizer, aí nos anos 80, de fato, esta primeira fase, dos anos 70 aos anos 80, os temas que dominaram eram da crítica ao modelo brasileiro, não é. Esta crítica ao modelo brasileiro tinha vários pontos de origem, que confluam; que foi a minha crítica, “A crítica a razão dualista”, foi a crítica do Fernando Henrique à política autoritária, não é; foi a crítica do Paulo Singer ao milagre econômico, é... Que era... sem falsa vaidade, que era...o centro de produção e era o centro irradiador, o CEBRAP. Nos anos 80, isso mudou para os movimentos sociais, não é...

C. S. Rizek – E aí Weffort, (José Álvaro) Moisés, Pedro Jacobi ... vai todo mundo pro CEDEC.

F. de Oliveira – Eles vão todos pro CEDEC. O Moisés também não tinha sido do CEBRAP. Se bem que ele conseguiu uma bolsa que quem deu... ele trabalhava na Folha, né, foi Fernando Henrique que conseguiu uma bolsa prá ele; ele foi para a Inglaterra. Quando ele voltou, juntou-se ao Weffort, não sei se na origem, na universidade ele já estava junto. E Pedro Jacobi; Lúcio Kowarick teve uma passagem breve também.

C. S. Rizek – Pelo CEDEC, também?

F. de Oliveira – Acho que mais como associado do que como membro permanente. Régis Castro Andrade que esteve no CEBRAP muito tempo, Régis saiu, acho, com o grupo de Weffort porque era um grupo que estudava classe operária. Tinha um grupo liderado pelo Weffort, que estudava classe operária, estava o Régis, Fábio Munhoz, que passou lá um tempo. É... Tinha interlocução com Boris Fausto. E era também um outro centro, digamos, outro núcleo interessante do CEBRAP, que alimentou o debate e a interlocução com Maria Hermínia... Mas ela esteve no CEBRAP muitas vezes, com passagens tangenciais, mas na discussão com Weffort ela agarrou firme, porque a tese do Weffort, que nunca foi publicada ... era uma crítica pesada ao Partidão. E a réplica veio da Maria Hermínia e do Carlos Estevam Martins. O Weffort ainda produziu uma tréplica que também não foi publicada. Aí, Weffort levou com Régis (que) também era deste grupo do Weffort... Acho que um dos elementos da dissidência, que em termos pessoais eu não consigo explicar, não conheço detalhes e nem a intimidade da relação de Weffort e Fernando Henrique antes, que eu não sou de São Paulo; mas acho que um dos motivos da dissidência foi o acidente que ocorreu. O Régis tinha ido pra Glasgow acho fazer o doutorado dele e mandou todo material de pesquisa dele pelo correio. E lá no correio, o homem do correio perguntou ao boy de que se tratava e ele disse do que se tratava, os sujeitos abriam e viram os jornais da resistência operária, dos movimentos, dos partidos clandestinos, que era o material de pesquisa do Régis. Então, a pretexto disso, a ditadura que já estava de olho em nós, fazia muito tempo, agarrou o Régis e levou logo pra cadeia. E daí surgiu a famosa ida de todos nós ao DOI-CODI, que foi negociado pelo Severo Gomes com o Geisel e o Golbery. Aí a negociação resultou que todo mundo tinha que ir, todo mundo ia ser encapuzado, mas os tiras não poderiam tocar num fio de cabelo de ninguém. Isso foi cumprido, esse acordo foi cumprido rigorosamente. Isso foi, segundo a maledicência... coletiva e conjuntural, foi causado pela irresponsabilidade do Régis. Não era irresponsabilidade nenhuma; era material de pesquisa que ia pelo correio. Acho que isso teve... pesou na dissidência. A partir dali, Weffort saiu, criou o CEDEC; com ele foram José Álvaro e Régis Castro Andrade. A segunda dissidência, Bolívar Lamounier que eu também não sei as razões é... pelas quais o Bolívar... Ele era muito... Ele tinha muito incômodo no CEBRAP.

(Tinha uma) formação americana, ... ele achava o CEBRAP marxistóide, não era nem marxista, marxistóide. Que não era verdade. A maior parte do CEBRAP não tinha nenhuma noção de marxismo, sabia nem o que era. Leram O Capital... Acho que Cândido Procópio nunca leu, porque ele vinha da demografia que era nitidamente malthusiana, eles faziam força para não ser, mas eram. E ele vinha da coisa da igreja ... não tinha sido beneficiado ainda pelo *aggiornamento* da igreja; ele saiu antes,

coitado. Mas os outros não... não tinham formação... Mas acho que Bolívar Lamounier se sentia incomodado. Eu percebia isto constantemente.

C. S. Rizek – Ele se vinculou ao Vilmar, né, num determinado momento?

F. de Oliveira – Eles tinham uma vinculação que vinha de, primeiro de origem, né? Os dois são de Minas. É... segundo, é... Esse parentesco com a sociologia e política americana, que os dois tinham muito forte. Então, uma das razões, eu acho o Bolívar saiu porque se sentiu incomodado naquela... De alguma maneira, o CEBRAP nunca soube fazer transição; das primeiras gerações para as que vieram depois. Tanto não soube que, até hoje, o Giannotti é o presidente do CEBRAP; dizem que eles estão preparando a sucessão dele, tal, mas... O CEBRAP não soube fazer a transição. Quer dizer... Teve tudo na mão prá fazer, teve... quadros intelectuais importantíssimos. Reginaldo Prandi, Flávio Pierucci, é... gente que hoje está aí no primeiro time da sociologia, passou todo mundo por lá. ... Acho que, acho que Bolívar se sentiu incomodado pelo que ele chamava de marxismo marxistóide no CEBRAP. E... de outro lado, acho também, sem rebuços, que... teve problemas (com) o poder no interior do Centro. E de alguma maneira, ele percebeu que aquilo nunca iria sair das mãos dos que hoje estão jurássicos. Acho eu, mas também pode ser uma interpretação que não tenha maior validade. Bolívar não junta gente; ele tem uma posição autoritária. A relação dele com quem trabalha com ele é muito difícil; isso era visível no CEBRAP. Acho que ele não aglutinou, e depois perdeu o interesse ...

C. S. Rizek – Chico, e a questão do Estado? Quer dizer, uma vez, a gente estava conversando numa banca - não sei se você se lembra disso - e você estava falando que a sociologia paulista, na verdade, a cátedra Sociologia I deu muito pouca importância pra Estado, né, o que é verdade. Você tem um monte de estudos sobre burguesia, sobre classe trabalhadora, sobre migração, mas...

F. de Oliveira – Não tem. Nenhum sobre... que incida de forma direta sobre a questão do Estado.

C. S. Rizek – É. Tem o Ianni, “Estado e Planejamento”...

F. de Oliveira – Não dá conta, eu acho.

C. S. Rizek – Esta questão das relações Sociedade civil-Estado no Brasil, fica meio com um vácuo na sociologia paulista. Não sei, aí precisaria me embrenhar pela sociologia carioca para... para pensar isso.

F. de Oliveira – A sociologia teve mais aproximação com a questão do Estado. Até mesmo porque o Rio era estado puro, né. Aquilo entrava pelos... entrava pelos poros. São Paulo estava... Eu acho que a coisa da, da... Pra mim é surpreendente... A coisa das classes pegou forte em São Paulo porque, de alguma maneira, isto está colado à realidade. Quer dizer, isso aqui é uma sociedade de classe escancarada. E já há tempos. Mas o interessante nisso que o tema da sociedade de classes tenha sido forte em São Paulo, mas não derivou pra sociedade civil. Não saiu nada sobre sociedade civil. Então, tem um buraco enorme. Eu acho que o Rio se aproximou mais; não resolveu satisfatoriamente...

C. S. Rizek – Através de quem você acha, você acha que tem produções?

F. de Oliveira – Através da produção... é... de... Primeiro, de Guerreiro Ramos, já há muito lá para trás; através da produção do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que é muito... que é heterogêneo, de alguma maneira; através da produção de Hélio Jaguaribe. Hélio Jaguaribe tinha um forte interesse, depois ele abandonou, porque depois ele resolveu virar... sei lá o quê, mas ele tinha um forte interesse teórico na questão da via prussiana, ele é um bismarquista total, né. Quer dizer, eu conheço dois bismarquistas no Brasil, um é ele, e o segundo é Oliveiros; que são dois autoritários... Quer dizer, Oliveiros é um autoritário simpaticíssimo. É de uma generosidade! Mas Oliveiros é Marx lido ao revés, completamente. E eu só me dei conta disso, na verdade, é... Mas eu só me dei conta num seminário em Belém, onde ele fez uma exposição que era a via prussiana, a crítica à política que ele fazia era fantástica, e ele podia ser lido ao revés. E o outro é... é Jaguaribe, que era muito interessado na... via prussiana, nos temas do Estado forte, centralizador e tal, né. Por isso, no fundo, ele é uma espécie de... ele é um bismarquista que rompe com o ISEB porque o ISEB queria ser mais bismarquista do que ele. E aí, ele tem aquele livro sobre desenvolvimento político que faz a crítica a... na verdade, já é uma crítica ao ISEB. O que se aproximou mais, eu acho, não resolveu satisfatoriamente. Depois, a aproximação que São Paulo vai ter é com Florestan, n' "A Revolução Burguesa", que eu acho um grande livro. É um marco. É uma pedreira para gente ler, ele não aterriza nunca, não consegue dar um exemplo, mas... sobrepaira... num nível de abstração... Aliás, tem um livro gostosíssimo que a Perseu Abramo publicou agora, de Antônio Cândido, sobre Florestan. Um ano depois da morte de Florestan, ele fez 100 exemplares, e só que... e ele dedicou, deu só à família de Florestan, e aos amigos. A Fundação Perseu Abramo achou muito interessante, e agora, ele reviu, mas não mudou nada e tal, e publicou. Ele me deu porque... eu tenho o privilégio de ter reuniões quinzenais com Antônio Cândido. Ele é uma coisa extraordinária. Nunca vi nada parecido.

C. S. Rizek – Ele é muito impressionante! Então, mas Florestan... Eu acho que tem uma coisa curiosa porque o Florestan tem uma discussão com Antônio Cândido de um lado e Caio Prado Júnior, de outro. Então, é engraçado. Porque você tem um certo... um certo movimento pendular entre as duas posições. E tem toda aquela coisa de uma leitura do marxismo, e do marxismo aplicado na "Formação do Brasil" pelo Caio Prado, que é visível na coisa sobre o negro: E tem o Antônio Cândido, por outro. E ao mesmo tempo, aquela coisa impressionantemente obstinada de constituir uma sociologia científica.

F. de Oliveira – É. É. Que é uma coisa meia... contraditória em Florestan, né, porque com isso ele americanizou a sociologia paulista.

C. S. Rizek – Tem desde aquele lado cientificista (...) assim como o vínculo com a missão francesa e... É gozado porque a primeira obra do Florestan está dividida entre estudos empíricos muito interessantes, são os estudos sobre São Paulo, até suas cantigas de roda....

F. de Oliveira – Que era produto da formação dele na sociologia e política.

C. S. Rizek – É. E daí, já vem logo a questão do negro e tal, e... e... sei lá, uma guinada, ... ele vai se aproximando de Caio Prado, né, e é toda a questão da herança colonial, que é outra questão recorrente na obra de Florestan. Quer dizer, ele vai se tornando cada vez mais militante, cada vez mais marxista, mas apesar disto, a questão do Estado... está lá n' "A Revolução Burguesa"...

F. de Oliveira – Está lá n' "A Revolução Burguesa", mas não está desdobrado, não está... Aquilo é uma sugestão forte, muito forte, mas não... Esse é um buraco.

C. S. Rizek – É. Tem um livro do Fernando Henrique sobre o autoritarismo e democratização, mas é quase ma aplicação da teoria da dependência... pro campo político.

F. de Oliveira – É. E... e... e... e é teoricamente fraco. Do ponto de vista da fundamentação do Estado. É teoricamente fraco, muito fraco.

C. S. Rizek – Enfim, é uma discussão que não acontece em São Paulo.

F. de Oliveira – Tem um ranço PC (Partido Comunista), não é. Que é uma espécie de Estado como derivação. Caio Prado não se interessa pelo tema porque... o problema dele era o modo de produção e a forma como a colônia nasce imantada nesse... nessa... nessa espécie de... contemporaneidade devassada. Você é contemporâneo do capitalismo, mas o trabalho escravo, imediatamente, te dá o recuo, que é o recuo que até hoje a gente não conseguiu resolver, né.

C. S. Rizek – E então, a questão da cidade, dá pra sentir a falta disso. Porque há toda uma sociologia francesa que vai pensar a cidade na sua relação com o Estado e, portanto, com a questão da regulação. É possível até que a questão não apareça com esse nome, mas é essa uma questão que está em pauta. E a sociologia brasileira, enfim, não vai trabalhar por aí.

F. de Oliveira – Tangencia o tempo todo.

C. S. Rizek – De uma maneira geral, essa questão cidade e políticas públicas está voltando com força. Mas tem uma lacuna. A questão da regulação da cidade não foi, de fato, pensada. Eu acho que é muito discutível essa divisão cidade legal/cidade clandestina, porque no fim eu ainda acabo achando que a cidade é um terreno muito fértil para reintrodução de todas as dualidades que você pode imaginar: a cidade que é planejada, a cidade que não é planejada, a cidade que é legal, a que não é legal...

F. de Oliveira – Incluídos-excluídos...

C. S. Rizek – Incluídos-excluídos. E não... E de novo, eu não acho que a questão seja essa. Eu acho que nós estamos patinando. Agora, mas a última dualidade é a cidade global e a local. Então, os pobres são locais e os ricos são globais o que é uma outra bobagem.

F. de Oliveira – É uma outra bobagem. E isso está alimentando a discussão de ONG's, a discussão de... tem repercussões práticas, não é, porque 'taí o Celso Daniel da

vida, a aplicar... planejamento estratégico. Os caminhos da Marta Suplicy são muito parecidos. Isso tem repercussões práticas.

C. S. Rizek – Eu acho que tem um nó que não está desfeito e que tem a ver com a questão da regulação.

F. de Oliveira – Tem a ver e é basicamente, o quê, a meu modo de ver? Basicamente, o fato de que é a cidade não é vista como um local de conflito de classe. E, portanto, a questão do trabalho... desaparece, completamente. Na medida em que ele desaparece, você também não tem como agarrar a regulação. Porque a regulação... me espanta como ninguém vê, não consegue agarrar. Porque a regulação começa pelo mercado de força de trabalho, que é um urbano. O Estado brasileiro só se meteu com o campo, na verdade, aí, com o Estatuto da Terra no Governo Castelo Branco ... Tentou se meter antes e deu bode, né, ... veio o golpe de 64 ... Mas está aí. Se você não recoloca a questão da força de trabalho na cidade, não compreende... Aí foi pra quê? Foi para isso, foi para movimentos sociais; de movimentos sociais derivou para essa coisa... exclusão-inclusão...

C. S. Rizek – Pobreza...

F. de Oliveira – ...pobreza...Violência...

C. S. Rizek – E também se você pega a produção carioca, principalmente da Lícia que é... Ela vai tentar argumentar contra a exclusão dizendo, por exemplo, que a favela está perfeitamente inserida num mercado global de consumo. Bom, está. E daí? o que isto quer dizer?

F. de Oliveira – Impressiona sempre aquela dissertação daquela orientanda da Vera.

C. S. Rizek – A Maria Inês⁹.

F. de Oliveira – É. É uma coisa. Aquilo ali está pulsando. Aquilo demonstra com todas as... a... a... as classificações formal-informal. Desmonta com tudo. Tudo está desmontado.

C. S. Rizek – A própria tese da Nilde¹⁰ sobre a terceirização desmonta tudo.

F. de Oliveira – Desmonta tudo. Acho que esse é um caminho... Mas é um caminho porque... O que está colocado ali é... a questão do conflito pela reprodução que é o que mapeia a cidade toda. A questão...

C. S. Rizek – Mapeia inclusive as formas estranhíssimas de segregação socioespacial, que são outras. E aí você tem toda uma metodologia montada para dizer, para afirmar que a segregação socioespacial diminuiu. Ela não diminuiu... ela mudou de forma. Ela mudou de forma. Você tem Panambi e Paraisópolis, um do lado do outro. Se você tenta estatisticamente revelar esta cidade, tudo bem, não tem segregação socioespacial. Passeia por lá. São territórios absolutamente controlados ... Daqui a pouco você precisa de cartão, chip, um segredo para entrar ...

F. de Oliveira – Eu vi isso quase na pele. Uma das vezes que eu fui à casa do Giannotti, que é lá no Morumbi, no coração do Morumbi rico. Bom, não precisa dizer que ele já

⁹ FERREIRA, Maria Inês Caetano. *Homicídios na periferia de Santo Amaro: um estudo sobre a sociabilidade e os arranjos de vida num cenário de exclusão* (1998) Dissertação de Mestrado, FFLCH 1998.

¹⁰ BALCÃO, Nilde Ferreira. *Terceirização e desmontagem do contrato de trabalho*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

está armado com dois pastores alemães daquele tamanho, né. A casa já é inacessível. Além disso... são bunkeres ... Passeia defronte dele, todo tempo, um carro de polícia privada, que eles pagam, contratam. Você só entra ali se identificando. Uma das vezes que eu saí - fui à casa dele muitas vezes e nunca me perdi - da última vez que eu fui, me perdi, caí dentro da favela.

C. S. Rizek – É a favela de Paraisópolis cercada pelo Morumbi e pelo mais novo empreendimento...

F. de Oliveira – Que é o Panambi. É. Então, você ouvir dizer que não tem discriminação, segregação espacial? É brutal.

C. S. Rizek – E aí, eu acho que a Vera tem razão: é um outro modo de regulação. Não é só destituição. Isso, óbvio, também não significa que é menos pior. Não é menos pior porque veio para ficar. É impressionante. Daí, a Sharon Zukin – que é americana - pega a cultura, pega os lofts, a própria forma dos apartamentos, e vai pensando num mundo de negócios. Cultura hoje é negócio. Um negócio de grandes proporções. Olha só: Sesi (Serviço Social da Indústria), Fiesp (Federação da Indústria do Estado de São Paulo), Itaú Cultural são grandes bancos, Espaço Unibanco, Sala UOL, quer dizer. A própria crítica frankfurtiana da dimensão cultural... Como nós vamos fazer isso? Cadê a autonomia da arte? Não tem. Não sobrou nada disso.

F. de Oliveira – Acabou. Mas (aí a gente) entra num buraco negro.

C. S. Rizek – E assim, qualquer curador, qualquer crítico de arte ... Você vai encontrar o quê? Um Baudelaire? Não! Um cara muito bem-vestido, com demonstrações de poder econômico visível, hiper conectado nos altos circuitos. A autonomia da dimensão cultural dançou; a possibilidade de reconciliação pela dimensão estética e sublime dançou. Você se reconcilia com o mercado. E gentrifica pelo investimento cultural, que é, por exemplo, o Viva o Centro.